

Professor José: Vivências e reflexões sobre uma formação em Educação Física

Vera Brauner*
Flávio Müller**

Resumo

O artigo que apresentamos tem o objetivo de estimular a reflexão sobre os processos de formação de professores de Educação Física para atuar nas escolas. A partir das falas de um professor, vamos analisando a questão do distanciamento existente entre a formação acadêmica que recebem os alunos e as dificuldades enfrentadas na prática cotidiana pelos professores ao se enfrentarem com o mercado de trabalho.

"Por isto é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática". *Paulo Freire*

O artigo que aqui apresentamos nasceu de uma entrevista que realizamos em nosso trabalho de campo com professores que estão no mercado de trabalho, professores estes, formados pela ESEF-UFRGS.

Ao analisarmos a entrevista, ficamos muito impressionados com a riqueza de informações que o professor José nos trouxe. Pensamos então, que as falas transcritas aqui poderiam suscitar elementos de reflexão significativos, no sentido de repensarmos os processos de formação de nossos professores para atuar na escola pública.

A partir do relato de suas vivências como aluno e como professor iniciante em uma escola da rede pública, José vai apontando para situações que pensamos, podem refletir algumas características de outros tantos cursos espalhados pelo Brasil.

O objetivo deste trabalho é muito simples. Trazer à discussão situações concretas, que todos sabemos que existem, mas que muitas vezes passam despercebidas den-

Abstract

The article that we presented has the objective of stimulate the reflection about the formation process of physical education professors to work in the schools. From the professor words we're going to analyze the question of the existing distancing between the academic formation that the students receive and the difficulties faced in the daily practice by the professors in confronting with the labor market.

tro das preocupações dos professores que formam os profissionais da Educação Física.

Uma das constatações significativas que encontramos em nosso estudo durante a etapa de coleta de informações junto aos professores, é que o processo de formação falha quando de lida com as questões da escola. Esta situação aparece no momento de entrar para o mercado de trabalho quando, invariavelmente acontece o "choque com a realidade" pois como diz José, "estou iniciando uma experiência de professor em escola pública e a formação que recebemos em Educação Física para trabalhar nas escolas, está prejudicada. Não se recebe uma formação para trabalhar na escola".

O enfrentamento com a realidade mostra que o processo de formação acontece fora do mundo real. A formação dos professores é trabalhada dentro da perspectiva daquilo que KOSIK (1976) trata como a "pseudoconcreticidade". O conhecimento acontece fora do conjunto das relações sociais e culturais existentes. A falta de uma

formação que atenda às demandas reais da Educação, que coloque o futuro professor em situações onde ele possa experienciar com o cotidiano escolar, conduz a um tipo de formação profissional que se caracteriza por uma concepção tremendamente idealizada (Esteve, 1994). O "choque com a realidade" fica assim descrito como um "colapso dos ideais missionários produzidos durante a formação do professor frente à dura realidade da vida cotidiana nas escolas" (Veenman apud Esteve, 1994, p.61). Em relação a isto José nos coloca que "as dificuldades estão acontecendo... Já no ano passado e agora também, as dificuldades estão aí, tipo o que trabalhar, qual é o conteúdo, de que maneira trabalhar, como fazer esta relação com os professores, com os alunos, ...".

Além disto, ao tentar estratégias inovadoras, José se vê diante daquelas situações jamais vividas e quem sabe pouco discutidas dentro do curso. O que se vê na escola são situações como por exemplo, "na minha escola alguns alunos tinham que ficar em pé pois não haviam cadeiras para todos, para a Educação Física, não tem nenhum espaço, não tem uma quadra, são questões que a gente nem sonha em ver dentro da Universidade, como também os problemas de relação com os alunos, que não tem condições, não tem calçado, não tem roupa, não podem ir no passeio pois o pai está desempregado... Eu fiz um passeio e foi cobrado 1 real de cada criança e teve uma criança que a mãe foi falar comigo que o filho estava chorando em casa mas que não ia no passeio pois o pai estava desempregado há seis meses e não tinha condições de pagar 1\$. Eu disse que pagava e então a criança voltou e foi no passeio.

Esteve (1994) coloca, que vários trabalhos de investigação analisam que a formação de professores se desenvolve baseada, muitas vezes, em uma imagem idealizada do que é ser um bom professor, o que ele deve fazer, o que deve pensar, o que deve ser, e que no momento em que chega à realidade, o professor percebe que a prática real que ele necessita não corresponde aos esquemas ideais dentro dos quais ele foi formado.

A Universidade desempenha um papel crucial enquanto responsável pela formação acadêmica dos estudantes, e segundo Fiori (1992) é este o lugar onde, em níveis elevados de organização e sistematização, a sociedade e a cultura se institucionalizariam. "A Universidade é, portanto, o centro máximo de conscientização do processo cultural" (p.44). Todavia resulta difícil estabelecer o processo de construção do conhecimento da realidade,

quando elementos fundamentais desta mesma realidade -do "mundo da vida" como nos diz Habermas (1987)- não se fazem presentes no momento da formação. José atesta opinando que "na real, a ESEF prepara só para o estágio da escola e no último semestre. Acho que a teoria e a prática estão bem distantes, na nossa escola de EF, acho que não é só na nossa, parece que na maioria das ESEF's, a teoria e a prática estão bem distanciadas e os professores que estão trabalhando aqui, acho que a maioria ou não vivenciou a escola ou não está vivenciando e estes caras são os responsáveis por formar professores que vão atuar na escola. O mundo da escola é muito dinâmico... e como é que vai formar professores sem estar lá dentro? Isto é muito complicado".

Esta construção do conhecimento que deveria se dar a nível de formação inicial, conduz à problemática tratada por Severino (1991) em relação à formação dos profissionais da Educação. Este autor enfatiza três dimensões fundantes no processo de formação de professores utilizando a simbologia da pirâmide em sua tridimensionalidade. A dimensão dos conteúdos, relacionada com o domínio destes, considerando-os de natureza inconclusa, dinâmica e relacionada com a realidade social e cultural; a dimensão das habilidades didáticas que se constitui na "esfera dos instrumentos técnicos e metodológicos" (ibid. p.33) e, finalmente concluindo a tridimensionalidade, a dimensão das relações situacionais nas quais o professor atua como mediador na construção das relações entre sujeitos individuais e coletivos.

Pensamos que a dificuldade de lidar com a dimensão das relações situacionais seja hoje, um dos problemas sérios vividos pelos professores iniciantes. E José ratifica. "A própria situação de relacionamento com os outros professores. Não existe uma preparação. Chegamos lá e damos de cara com a questão do espaço físico, do material, dos alunos, dos professores,... Eu tentei fazer um trabalho com dança na escola e os professores não aprovaram pois a música atrapalhava as aulas deles. Também a atividade atrapalha pois a escola acaba tirando os alunos da rotina, pois havia um interesse grande dos alunos por esta atividade e eles ficavam desinteressados pelas atividades de matemática, ou português,... ou eles acabavam levando o rádio para a sala de aula e complicava tudo. Nem no recreio ficou permitido que os alunos ouvissem música,... Esta relação que se estabelece entre professores e alunos, em nenhum momento é abordada no processo formação".

Então perguntamos: Que reflexões podemos fazer

sobre o estágio obrigatório (Prática de Ensino) realizado no último semestre do curso?

Aqui surgem elementos importantes de análise.

Primeiramente pensemos sobre a organização estrutural do currículo do curso de Educação Física e a relação teoria-prática.

Entendemos então, que o modelo de construção curricular existente nos cursos de Educação Física em geral, obedece aos princípios da modernidade, desenvolvendo-se a partir de uma lógica linear positivista. Esta linearidade no trato com o conhecimento transparece na relação teoria-prática, onde primeiro é vista a teoria para depois, ao final do curso, tendo o aluno adquirido todos aqueles conhecimentos teóricos, "aplica-los" em um estágio terminal. Esta dicotomização da relação teoria-prática, traz consigo um processo de fragmentação do conhecimento onde não há uma relação dialética entre estes dois elementos. Esta dicotomia encontra justificativa numa determinada percepção de que o "saber" e o "fazer" possuem valorizações diferenciadas. Giroux (1997) contribui ainda, afirmando que a lógica positivista toma como preocupação mais importante, o domínio das técnicas, que conduz à transmissão de um conhecimento instrumental para a sociedade, sem levar em conta as relações existentes. Assim, a prática, enquanto possibilidade de construção das condições materiais objetivas, não é objeto de reflexão, a prática profissional, enquanto "fazer" do professor, não é objeto de estudo no processo de formação profissional.

Por outro lado, a lógica não-linear, supõe um constante "mover-se" entre teoria e prática, num movimento espiralado, onde vamos e voltamos de uma à outra e neste ir e vir, vamos avançando, aprendendo, resignificando, reconstruindo e aprofundando nosso saber. E José percebe isto. "O estágio é fundamental para nós. Aí eu acho que deveria acontecer antes, quem sabe no 2º semestre como experiência, para que o contato com a escola já acontecesse, pois quando acontece no último semestre, surgem várias dúvidas que nós não temos mais como esclarecer, pois é o último, terminou. Aí, no semestre seguinte, já se parte p/ o mercado de trabalho, e aí passou o período de aprendizagem onde tu tens o contato formal com o processo de formação, contato todos os dias com os professores para tirar dúvidas".

Ao discutirmos inicialmente a questão da forma-

ção idealizada, onde os professores formados desenvolvem seus conteúdos muitas vezes distantes da realidade da escola pública onde o futuro professor vai atuar, pensamos que existem possibilidades de romper com esta situação como sugere José, a partir de algum tipo de experiência que poderia ser organizada junto às escolas. É ele mesmo, José que justifica a importância destes "pré-estágios". "Quando a gente está na faculdade, o professor vem, dá a disciplina. O professor coloca as coisas, mas fica tudo no ar, a gente não sabe como é que funciona a realidade da escola. Ele te passa uma imagem e tu não sabes o que pode acontecer, não tens claro na tua cabeça e quando tu vêes, passou e tu foi te dar de cara lá com a escola, a história é bem diferente. Estágios anteriores são importantes para que as dúvidas possam ser resolvidas conforme vão aparecendo. A parte teórica é sempre importante quando ela pode ser confrontada com a realidade lá fora. Os estágios que a gente faz, servem, porque a gente vê que existem muitas coisas que não são aquelas que os professores falam em sala de aula, existe uma distância bem grande e a gente está limitado a acreditar naquilo ali pela falta de vivência da prática, seja ela qual for".

Kosik (1976) contribui com a discussão quando aponta para a importância do conhecimento da realidade onde o sujeito "exercita sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade"(p.10). E adiante completa que é na relação com o mundo e com as coisas que "o indivíduo 'em situação' cria suas próprias representações das coisas e elaborará todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade"(ibid. p. 10).

José sentiu a dificuldade de não ter vivenciado em sua formação, o que Kosik chama de "exercício da atividade prático-sensível". Agora, já trabalhando na escola, José nos coloca que "se houvessem estágios anteriores, as pessoas iam ver que lá fora o tratamento é de um jeito e quando chegassem aqui no curso, os professores iam ensinar de uma determinada maneira e aí, o aluno tem a experiência concreta de que não se pode fazer a dança na escola porque a música atrapalha as aulas dos outros, aí quando o aluno da graduação chegar aqui dentro da ESEF e falar da experiência dele, aí sim vai rolar a discussão".

Não se trata de valorizar mais um tipo de conhecimento em detrimento do outro. Trata-se de trazê-los a um mesmo patamar de importância e trabalhá-los de uma forma relacional, articulada, um apoiando o outro. É essencial reconhecermos a importância da teoria conforme fun-

damenta Giroux (1997) quando afirma que, "a teoria, no sentido mais geral, é crucial para quase todas as etapas do pensamento, não apenas porque nos ajuda a ordenar e a selecionar os dados, mas também porque nos fornece os instrumentos conceituais com os quais questionar os próprios dados" (p.82).

Assim, entendemos que a experiência vivida com o estágio, Prática de Ensino, resulta efetivamente descomprometida com a construção do saber.

Outro elemento de análise que trazemos é a questão da preparação do professor enquanto educador.

Ao ser questionado sobre sua formação pedagógica durante a faculdade, José lamenta ela ter sido "Muito fraca. Pelo menos para o trabalho na escola". A importância de uma formação pedagógica consistente se ancora na possibilidade de facilitar a adequação dos conteúdos e do domínio prático daquelas habilidades didáticas — de que nos falava anteriormente Severino —, às relações situacionais próprias de um determinado contexto social e/ou grupo de alunos cada vez mais heterogêneos e mais difíceis de lidar. A formação pedagógica, numa perspectiva otimista, deverá servir então de apoio ao aluno de Educação Física, na busca de respostas às múltiplas, específicas e diversificadas exigências que o universo da escola requer. José fala de sua insegurança e despreparo. "Me sinto totalmente inseguro e despreparado. Cheguei lá na escola e pensei, o que eu vou trabalhar agora? No ano passado, não tinha nenhuma referência sobre o que fazer nem como fazer, aí fiz algumas coisas, não sei até hoje se está certo ou errado, mas tentei fazer...".

O professor é invadido por um sentimento de desqualificação, sentindo-se como um experimentador trabalhando com suas cobaias. José continua, falando de suas experiência e de seu futuro. "Profissionalmente fico me perguntando se estou no caminho. Se tenho que realmente ficar trabalhando na escola e ganhando 250 reais. Quem sabe se trabalhando de vendedor eu não fico melhor? Será que com EF vale a pena? Será que vai me dar satisfação para minha vida pessoal e profissional? Será que eu terei possibilidade de intervir de uma forma ou de outra nesta situação? Não sei, acho que é difícil pois não me sinto preparado, às vezes fico fazendo laboratório, mas fazer toda a vida um laboratório como professor,... meus alunos vão ser sempre meus cobaias? A única coisa que faz o cara resistir em ficar na escola é a questão de ainda acreditar na intervenção. De que a escola ainda é um dos

caminhos pelo qual se pode num conjunto de outras coisas, a gente pode vir a buscar algum tipo de mudança na sociedade. Mas, não sei,... se tiver que viver esta situação por muito tempo, não sei. É tudo uma insegurança..., mas sei que até o final do ano sigo na escola".

É possível que algum leitor considere demasiado negativas as palavras de José. Pensamos que não. No desenvolvimento de nossa pesquisa, nas muitas entrevistas realizadas com os professores que estão no mercado de trabalho, atuando ou não nas escolas públicas, muitas foram as vozes que ecoaram no mesmo sentido com relação à seus processos de formação, seus estágios e sobre suas atuações como professores na escola. As experiências vividas por José refletem sim, a realidade de outros tantos professores, a realidade de outros tantos processos de formação de professores de Educação Física.

Queremos deixar claro que o objetivo deste texto, como já foi dito no início, é incitar à reflexão e estimular a discussão sobre o tema. A ideia de trazer as falas de José se justifica na afirmação de SILVA (1995), que diz ser "através de histórias sobre o passado- narrativas- que podemos dar sentido ao presente e construí-lo e é assim também que podemos imaginar um outro futuro". Além disto, também acreditamos na categoria da "possibilidade", "para cuja realização podem ser reunidas no momento presente as condições correspondentes" (Ceptulin, 1982, p.342), considerando que toda a formação material — aqui especificamente tratada como processo de formação de professores de EF-, tem uma quantidade infinita de possibilidades.

Sabemos das dificuldades que existem quando se trata de fazer reestruturas curriculares que contemplem estas questões aqui tratadas. Mas pensamos também, que é fundamental levar em conta os aspectos aqui colocados.

Mudanças nos processos de formação de professores de Educação Física, podem ter uma natureza utópica para alguns, mas acreditamos que o que está em jogo é por demais valioso. Fica aqui nossa contribuição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHEPTULIN, A. *A Dialética materialista*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.
- ESTEVE, J. M. El choque de los principiantes com Ia realidad. *Cuadernos de Pedagogia*, n.20, p.58-63, 1994 .

FIORI, E. M. Educação e política. *Porto Alegre: L&PM, 1991.*

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. *São Paulo: Paz e Terra, 1997.*

GIROUX, H. Rumo a uma Nova Sociologia do Currículo. In: _____. Os professores como intelectuais. *Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p 79-90.*

_____. Superando objetivos behavioristas e humanistas. In: _____. Os professores como intelectuais. *Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p.43-54.*

HABERMAS, J. Teoria de la acción comunicativa II. *Madrid: Taurus, 1987.*

KOSIK, K. Dialética do Concreto. *Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.*

SEVERINO, A. A formação profissional do educador: pressu-

postos filosóficos e implicações curriculares. *Revista ANDE, v.10, n.17, p. 29-40, 1991.*

SILVA, T. T. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: _____. Alienígenas na sala de aula. *Porto Alegre: Vozes, 1995.*

UNITERMOS

Formação de professores; currículo; relação teoria/prática.

*Vera Brauner é professora doutora pela Universidade de Barcelona.

**Flávio Muller é professor do Município de Alvorada — RS.